



IDENTIDADES E DIÁSPORA EM *UM DEFEITO DE COR*, DE ANA MARIA GONÇALVES E *GEOGRAPHIES OF HOME*, DE LOIDA MARITZA PERÉZ

Aline Alves Arruda¹

Esse trabalho pretende analisar as marcas identitárias dos sujeitos diaspóricos nos romances *Geographies of Home*, Loida Maritza Pérez e em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. A análise comparativa das duas obras se faz importante por abordar aspectos recorrentes na literatura contemporânea, sob uma diferente perspectiva: duas histórias situadas em épocas distintas, mas protagonizadas por sujeitos diaspóricos semelhantes.

O romance *Um defeito de cor* foi publicado em 2006 pela editora Record. É fruto de uma pesquisa de dois anos acerca da sociedade brasileira escravocrata do século XIX. O livro nos conta a história da protagonista Kehinde desde sua infância, no reino de Daomé, na África, onde nasceu, passando pela travessia a bordo do navio negreiro rumo à Bahia, cidade na qual viveu a maior parte da vida, e sua volta à África.

Apesar de ser uma publicação recente, a recepção crítica da obra foi muito positiva. Em 2006, o livro ganhou o prêmio *Casa de las Américas*, em Cuba, como melhor romance brasileiro. Para Millôr Fernandes, em crítica feita na orelha da obra citada, ela (a obra) está entre as melhores lidas por ele “em nossa bela língua eslava”. Antônio Risério, poeta e antropólogo, em um artigo publicado no sítio Terra, diz que Ana Maria Gonçalves inventou um romance que ele gostaria de ter inventado, ele afirma que “ninguém escreve o que ela escreveu sem uma dedicação imensa. Sem estudo. E é um livro raro na paisagem lítero-cultural brasileira”, e ainda “que ela consegue criar personagens que nos convencem. Que são reais, apesar de todas as idealizações”²

O livro de Pérez, escritora nascida na República Dominicana e residente hoje nos Estados Unidos, narra a história de uma família de imigrantes dominicanos em Nova Iorque. Fugindo da pobreza e do medo vividos no país de origem sob a ditadura de Trujillo, a família de Papito e Aurelia busca nos EUA um lar (*home*). Seus quatorze filhos representam os diversos caminhos do sujeito da diáspora: Iliana, a protagonista, é a mais nova entre as mulheres e aquela que, aparentemente, herdou os dons da *santeria* praticada pela avó e pela mãe. Marina vive em sua loucura aparente o conflito de gênero e cor. Rebecca sofre com a violência doméstica e luta por um casamento conflituoso. De personagem em personagem, Loida Maritza Pérez traça os caminhos da

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG; professora do Instituto Federal Sul de Minas – Campus Inconfidentes. E-mail: aline.arruda@ifs.ifsudeminas.edu.br

² <http://terramagazine.terra.com.br> Acesso em 10/12/2009.



experiência imigrante latino-americana. O que chama a atenção é que todas essas diferentes vivências se dão na mesma casa, no mesmo lar.

A dispersão afro-descendente

A definição do conceito diáspora, segundo o *Dicionário de relações étnicas e raciais*, de Ellis Cashmore, vem dos antigos termos gregos *dia* (através, por meio de) e *speirō* (dispersão, disseminar ou dispersar). Entretanto, segundo o mesmo dicionário, a palavra vem sendo usada através da História com outras conotações, principalmente no sentido negativo, como é o caso da experiência judaica, da qual se originou a comparação com os povos africanos e sua dispersão pelo mundo. Na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, de Nei Lopes, encontramos, além da definição já citada, uma outra: “o termo Diáspora serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram” (2004, 236). Também como forma de conscientização, segundo Gilroy (2001), o termo é usado a partir do conceito de “dupla consciência” de Du Bois, para significar a simultaneidade de consciência de pátrias e culturas. Infelizmente o conceito também é usado para designar um novo tipo de problema: a visão sobre as comunidades transnacionais como uma ameaça à segurança dos países mais ricos. Novos estudos sobre a diáspora têm sido apresentados no contexto dos Estudos Culturais por teóricos como Paul Gilroy e Stuart Hall. O termo, que também aparece na Bíblia³ pode ser usado ainda nos estudos afro-brasileiros. Afinal, todas essas histórias são narrativas de libertação e dispersão de povos.

O pensamento recente sobre o conceito de diáspora discute a questão do pertencimento, do conceito de raça e propõe uma reflexão mais ampla e ambivalente em relação ao nacionalismo e às identidades. Gilroy afirma que as fronteiras culturais foram alargadas e “a ideia de diáspora se tornou agora integral a este empreendimento político, histórico e filosófico descentrado, ou, mais precisamente, multi-centrado”.⁴ Já Hall considera que “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”⁵ elas não são, portanto, fixas e, num contexto diaspórico, carregam consigo a disseminação, o espalhamento que acaba multiplicando-as.

³ O termo, segundo Hall (2003), se origina da história do Grande Êxodo; na Bíblia, no Velho Testamento. O livro do Êxodo conta a história da saída dos hebreus da opressão do Egito em busca da Terra Prometida. A diáspora seria essa saída dos escravos do Egito.

⁴ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 17.

⁵ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 27.



Os sujeitos diaspóricos aqui analisados mostrarão que essa multiplicidade identitária permanece ao longo da História, refletida nas duas narrativas ficcionais analisadas neste trabalho. Kehinde faz seu primeiro deslocamento ao sair de Savalu, onde nasceu, no reino de Daomé, na África, aos seis anos, junto de sua avó e sua irmã gêmea Taiwo, depois de presenciarem o assassinato de seu irmão e de sua mãe pelos guerreiros de uma etnia diferente. Assim, elas seguem para Uidá, no litoral do país, fugindo dessa perseguição. A viagem de Kehinde no navio negreiro para o Brasil acontecerá logo em seguida, quando ela e Taiwo são presas em Uidá, por serem gêmeas (Ibêjis, na cultura iorubá), para serem dadas de presente a brancos brasileiros. Sua avó, para segui-las, entrega-se aos comandantes do navio. A partida é narrada de forma minuciosa, todos os detalhes do navio negreiro são enfatizados através do ponto de vista de uma menina africana, que, assustada, temia por sua vida e pela vida de sua avó e de sua irmã. O porão é descrito como um espaço muito apertado, extremamente pequeno e, em seguida, ao narrar sobre a viagem, temos um relato assombroso das crueldades sofridas pelos negros escravos:

Durante dois ou três dias, não dava pra saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam da falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e de fezes. A Tanisha descobriu que se nos deitássemos de braços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeira do casco do tumbeiro. (...) Quando não conseguíamos mais ficar naquela posição, porque dava dor no pescoço, a minha avó dizia para nos concentrarmos na lembrança do cheiro, como se, mesmo de longe e fraco, ele fosse o único cheiro a entrar pelo nariz (...).⁶

Depois de perder a irmã e a avó, além de outros companheiros de viagem, a narradora chega à Ilha dos Frades, em seguida à Ilha de Itaparica, onde trabalhará como escrava durante anos, vivendo e presenciando inúmeras tragédias cometidas pelos donos de escravos.

Para Gilroy:

A diáspora africana pelo hemisfério ocidental dá lugar aqui à história de futuras dispersões, tanto econômicas quanto políticas, pela Europa e pela América do Norte. Estas jornadas secundárias também estão associadas à violência e são um novo nível da disjunção diaspórica, e não apenas reviravoltas ou impasses.⁷

O romance de Pérez retrata exatamente as “futuras dispersões” às quais Gilroy se refere. Segundo o sítio do ministério do turismo da República Dominicana, este país foi lugar de desembarque de milhares de negros vindos da África. A composição étnica da maioria da população dominicana é, portanto, de negros. A viagem diaspórica feita por Kehinde está, portanto, refletida nos movimentos migratórios do povo latino americano para os Estados Unidos.

⁶ GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 48.

⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p.21).



A família de Aurélia e Papito representa as muitas outras que fizeram o mesmo: migraram da América Latina para os Estados Unidos, em busca do chamado “sonho americano”. Segundo Flores (2003) a diversidade de imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, especialmente nas grandes cidades como Los Angeles, Miami e Nova Iorque, tem seduzido, aparentemente, a mídia e a cultura norte-americana. Entretanto, o autor afirma que esse “glamour” acaba camuflando a difícil realidade vivida por esses povos naquele país: racismo, miséria e duras políticas de imigração. Nas primeiras linhas de *Geographies of home* temos um exemplo dessa realidade através da passagem em que Iliana, então na cidade universitária para onde havia se mudado, tem uma “surpresa” ao voltar para casa: “The ghostly trace of ‘NIGGER’ on a message board hanging from Iliana’s door failed to assault her as it had the first time she returned to her dorm room to find it”⁸. A repetida atitude racista contra a personagem a decepciona, pois ela não esperava tal comportamento no cenário acadêmico. Esse é, inclusive, um dos motivos que farão Iliana voltar para a casa dos pais em Nova Iorque. Os outros motivos são os problemas que envolvem sua família: sua irmã Marina tem problemas psiquiátricos, seu irmão Gabriel vive problemas no casamento, Beatriz, outra irmã, está desaparecida... além disso, Iliana ouve uma “voz” que lhe aconselha a voltar, a voz de sua mãe, que herdou da avó Bienvenida os dons espirituais da santeria.

A religião como marca identitária diaspórica

A religião é uma das marcas identitárias que os sujeitos diaspóricos usam para resgatar a memória coletiva. Segundo Walter (2006):

A memória enquanto processo seletivo de (re)codificação de imagens mediante a rememoração e o esquecimento tem sido um meio de cura: uma estratégia multidimensional de transformar desabrigos em lares, de resistir à subalternização e reconstruir identidades culturais. Transferida da experiência individual vivida dos ancestrais africanos para a imaginação coletiva, a memória (...) enfatiza a descontinuidade entre o passado vivido e lembrado⁹.

É, então, para resistir a essa subalternização promovida pelos movimentos diaspóricos que as personagens de *Um defeito de cor* e de *Geographies of home* mantêm a religião afro-descendente viva em seu cotidiano, de formas, porém, diferentes.

Interessante notar como as matriarcas das famílias é quem são as mantenedoras desse aspecto nos romances. A avó de Kehinde é vodunsi, iniciada na religião jeje e durante toda a narrativa a neta sabe que deve perpetuar essa crença. No navio negreiro, antes de morrer, a avó,

⁸ PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin Books, 1999, p. 01.

⁹ WALTER, Roland. Memória, história e identidade cultural na ficção da diáspora negra: Toni Morrison, Dionne Brand, Maryse Condé e Miriam Alves. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 10., 2006, Rio de Janeiro. [*Anais eletrônicos...*] Rio de Janeiro: UERJ, 2006. CD-ROM.



“que perdia a força e a coragem longe de seus voduns”, falou à Kehinde sobre os voduns, “os nomes que podia dizer, as histórias, a importância de cultivar e respeitar os nossos antepassados” (p. 61) e a protagonista leva essa herança por toda sua errância diaspórica pelo Brasil: ao chegar a Itaparica, consegue logo imagens dos voduns que sua avó cultuava para guardá-los consigo na senzala e permanece fiel ao culto afro-descendente por toda sua formação contada no romance. A primeira sacerdotisa que se mostrará um mestre na formação de Kehinde é Negra Florinda, uma das pessoas mais antigas da Ilha de Itaparica, onde ficava a fazenda para a qual a protagonista fora vendida. A mulher a ajuda a conseguir o colar que a ligava à irmã Taiwo e estátuas de orixás e, assim, preservar a identidade afro-religiosa da personagem. Além disso, é Negra Florinda quem apresenta a Kehinde Agontimé, rainha de Abomé que fora feita escrava no Brasil, também sacerdotisa dedicada aos voduns, com quem a menina aprende sobre a religião de seus antepassados e em quem se espelha para um futuro livre. Mas é Baba Ogumfidityimi, um babalaô que Kehinde conhece em São Salvador, quando se muda para lá, é quem vai participar mais efetivamente de sua formação. Ele conduz a cerimônia do nome de Banjokô, primeiro filho da protagonista, é quem prevê também alguns acontecimentos de sua vida, de seu filho e também quem faz oferendas em seu nome para os orixás.

Aurélia também continua os passos da religião de sua mãe realizando o culto à santeria, embora não o faça explicitamente, para a família toda, talvez porque seu marido se convertera ao protestantismo nos Estados Unidos e ela o acompanhe nos cultos. Além de falar com a filha Iliana telepaticamente, Aurélia faz um vodu para seu violento genro. A cena tão bem descrita no livro mostra o lado matriarca da personagem, que ainda preserva sua identidade religiosa afro-descendente. No prólogo do livro temos a morte de Bienvenida, a avó dominicana, mãe de Aurélia. Sua morte é narrada de forma mítica. Ao mesmo tempo em que ela se despede da vida, pensa em Aurélia, que não está presente e, em sua casa, sente as dores do parto, depois de ver um gato preto, o qual, em muitas tradições, simboliza a morte. Quem nascerá simultaneamente à morte da avó é Iliana, que mais tarde veremos seguir os passos religiosos de suas matriarcas, mesmo involuntariamente. A moça quebra uma tradição de duplas do mesmo sexo entre seus irmãos. Ela nasce quando o casal, segundo a tradição, espera um menino. Também quebra a tradição, pois após seu nascimento, o casal esperou três anos por Tico, o filho mais novo, ao invés de dois, como foi com os outros nascimentos, provando assim a simbologia em torno da menina que mais tarde sentirá esse envolvimento mais de perto, quando ouve a voz da mãe a chamando de volta para casa em Nova Iorque.



Semelhanças diaspóricas

Os dois romances afro-descendentes se distanciam, portanto, no tempo, mas se aproximam nas identidades diaspóricas que apresentam e representam. As fronteiras físicas e metafóricas atravessadas por Kehinde, vinda forçadamente da África para a América do Sul sob a insígnia do navio negreiro, são semelhantes àquelas atravessadas por Aurélia e sua família, que imigraram voluntariamente para os Estados Unidos à procura de uma vida melhor, distantes da ditadura em que viviam.

A aproximação entre as identidades diaspóricas dos sujeitos/personagens dos dois livros se dá principalmente pelas condições de gênero, etnia e classe vividas pelas personagens dos romances. Os diálogos com a memória e com a tradição afro-descendente marcam as travessias aqui analisadas, como nos rituais afro religiosos mantidos por Kehinde e por Aurélia, preservados diante de suas ascendentes.

As memórias coletivas das personagens afro-descendentes aqui brevemente analisadas representam, portanto, vozes que emergem de um silenciamento histórico referente às questões de gênero, etnia e classe. Elas são parte de uma literatura que revela a condição de escritoras com o olhar aguçado, que criam suas personagens sob um ponto de vista raro e caro à literatura universal.

Bibliografia

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin Books, 1999.

WALTER, Roland. Memória, história e identidade cultural na ficção da diáspora negra: Toni Morrison, Dionne Brand, Maryse Condé e Miriam Alves. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 10., 2006, Rio de Janeiro. [*Anais eletrônicos...*] Rio de Janeiro: UERJ, 2006. CD-ROM. < <http://www.godominicanrepublic.com/en/About/History.htm> > Acesso em 20/06/2010.